

ARTESANIA TEFENSE: A TECITURA DE PANEIROS COMO TRABALHO E ARTE

Nanda de Albuquerque Freitas

Acadêmica finalista da Universidade do Estado do Amazonas, do Centro de Estudos Superiores de Tefé. E-mail: ndaf.his21@uea.edu.br

Yomarley Lopes Holanda

Professor Doutor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: yholanda@uea.edu.br

Resumo: Este trabalho aborda a importância da arte de tecer paneiros no município de Tefé, no interior do Amazonas, como uma expressão da memória coletiva, identidade cultural e resistência dos povos amazônicos. É nosso interesse verificar a relação entre a tecitura dos paneiros e a história local, evidenciando como essa prática artesanal contribui para a preservação de saberes tradicionais, memórias ancestrais e dinâmicas socioculturais do povo tefeense. O objetivo geral da pesquisa é analisar como a confecção dos paneiros está atrelada à história e cultura local. Entre os objetivos específicos estão: investigar o processo artesanal de produção dos Paneiros no município de Tefé; compreender como os saberes tradicionais são transmitidos entre gerações; destacar a importância das fibras naturais na produção cultural e econômico no município de Tefé e analisar os desafios enfrentados pelos artesãos diante do desinteresse das novas gerações. A metodologia é ancorada nos estudos de Gil (2008), Zamboni (2006). Tendo como base teórica Geertz (1989), Wagley (1988) e Santos (2004). A história oral tem papel essencial, pois permite o registro das memórias e experiências dos artesãos, que são as principais responsáveis por perpetuar a técnica e os saberes da tecelagem. A pesquisa aponta que, além de ser fonte de renda e sustento, o artesanato de fibras naturais é uma forma de resistência cultural e de afirmação da identidade amazônica. Como resultados, observa-se que os paneiros representam não apenas um item funcional ou decorativo, mas também um símbolo de luta, tradição e saber popular.

Palavras-chave: Narrativa; Artesanato; Tefé.

Abstract: This work addresses the importance of the art of weaving baskets in the municipality of Tefé, in the interior of Amazonas, as an expression of collective memory, cultural identity, and resistance of the Amazonian peoples. Our interest lies

in verifying the relationship between basket weaving and local history, highlighting how this artisanal practice contributes to the preservation of traditional knowledge, ancestral memories, and sociocultural dynamics of the people of Tefé. The general objective of the research is to analyze how the making of baskets is linked to local history and culture. Specific objectives include: investigating the artisanal production process of baskets in the municipality of Tefé; understanding how traditional knowledge is transmitted between generations; highlighting the importance of natural fibers in cultural and economic production in the municipality of Tefé; and analyzing the challenges faced by artisans in the face of the disinterest of new generations. The methodology is anchored in the studies of Gil (2008) and Zamboni (2006), with theoretical basis in Geertz (1989), Wagley (1988), and Santos (2004). Oral history plays an essential role, as it allows for the recording of the memories and experiences of artisans, who are primarily responsible for perpetuating the technique and knowledge of weaving. The research indicates that, in addition to being a source of income and livelihood, natural fiber handicrafts are a form of cultural resistance and affirmation of Amazonian identity. As a result, it is observed that the baskets represent not only a functional or decorative item, but also a symbol of struggle, tradition, and popular knowledge.

Keywords: Narrative; Handicrafts; Tefé.

INTRODUÇÃO

Os processos artesanais de fibras naturais são extremamente importantes para os povos amazônicos, em especial, no município de Tefé. Isso se reflete em diversas dimensões sociais e históricas, sejam elas, econômicas, culturais, biológicas e sociais. Contribuições que são importantes para o município de Tefé a partir das Tecitura dos paneiros e outros artesanatos a partir das fibras naturais.

A tecitura dos paneiros, dos cestos, dos balaios, dos tipitis estão interligadas a história do município de Tefé, podendo ser contadas por meio dessa arte que não apenas representa a cultura do povo tefeense, mas também narra a trajetória dos artesãos que confeccionam este tipo de trabalho artístico. Nessa arte dos tecidos de fibras, além de fonte de sustento para muitas famílias, carrega uma tradição que remonta aos povos originários da Amazônia. No entanto, com o passar do tempo, essa prática artesanal tem sido esquecida, tornando essencial seu registro e valorização para que possa ser apreciada pelas futuras gerações.

O paneiro é um cesto tecido de diferentes formatos, feito a partir de fibras vegetais encontradas na Floresta Amazônica. Tradicionalmente utilizado em ati-

vidades agrícolas, ele também é um símbolo da identidade cultural do povo Amazônico. Embora não haja registro precisos sobre sua origem, sabe-se que sua confecção persiste como um legado histórico na cidade de Tefé, e em outras cidades do interior do estado do Amazonas. A resistência dessa arte pode ser observada no cotidiano dos artesãos, que perpetuam seus saberes e técnicas, mesmo diante dos desafios da modernização e da perda de interesse das novas gerações. Tendo como base teórica Geertz(1989), Wagley (1988) e Santos (2006).

Segundo Sousa (2011), os saberes e modos de fazer artesanais nas comunidades amazônicas constituem um patrimônio cultural transmitido por gerações, que resiste à modernização e à perda de interesse das novas gerações. Isso é notório mediante as entrevistas realizadas no decorrer deste trabalho, em que se pode perceber que quase todos os entrevistados, seus filhos (as), netos (as), ou outro familiar mais jovem não sabem ou não pretender saber como preparar um paneiro atualmente.

ENTRE FIBRAS E MEMÓRIAS

O reconhecimento do trabalho artesanal como uma arte que vai além do meio rural, pois ela hoje é encontrada em diversos espaços, dentro e fora do espaço geográfico do estado do Amazonas, em todo território nacional e em diversos países mundo a fora, por meio dos turistas que aqui chegam e se encantam com a arte das fibras e com a beleza dos traços pintados, encontrando um significado em cada formato, textura, cor e grafia.

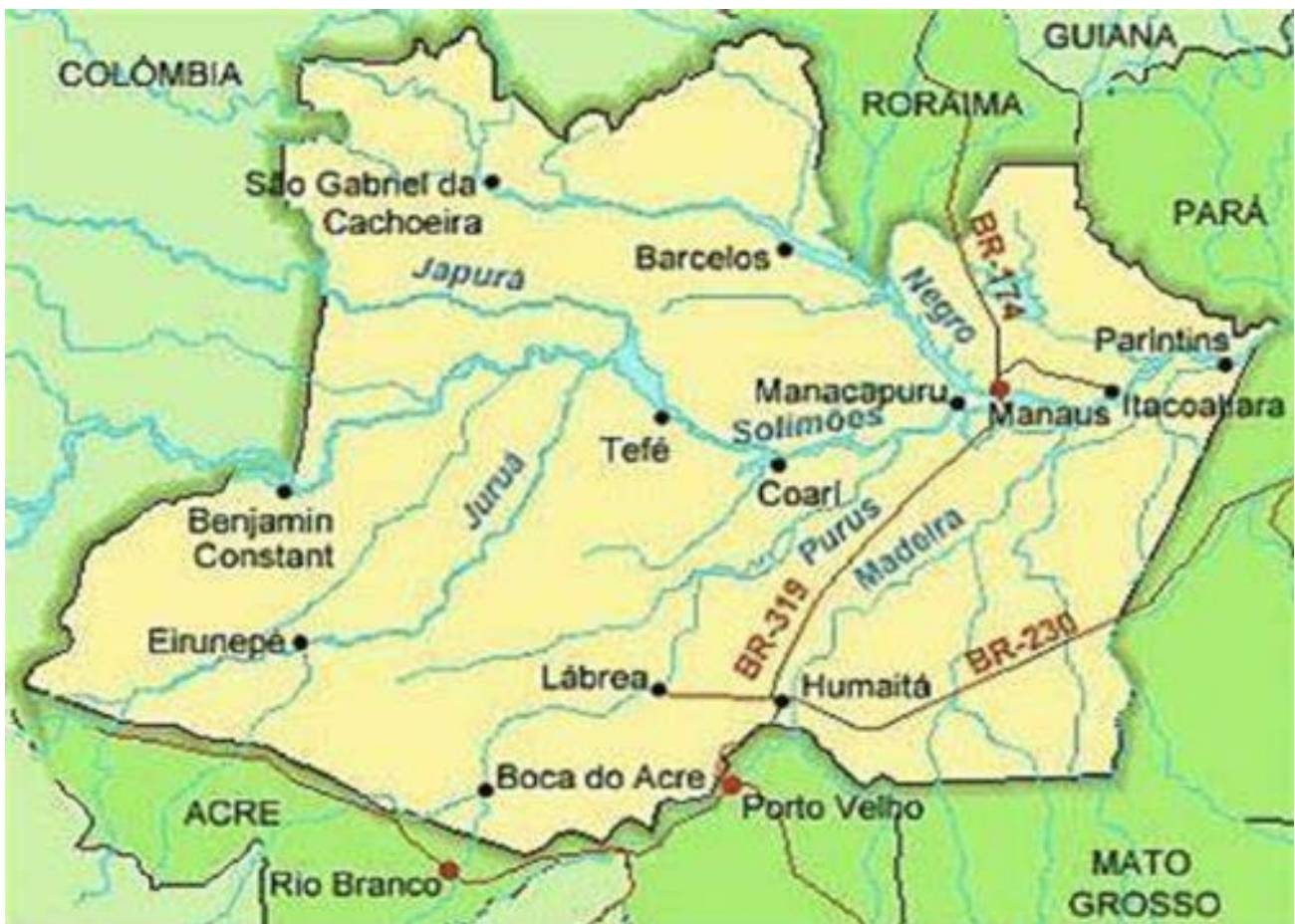
Um lugar onde os indivíduo vivem em grupos, de acordo com os preceitos de sua cultura, expresso através de suas crenças, seus mitos, seus símbolos, seus saberes e códigos, desenvolvem suas relações sociais aprendem, partilham e reproduzem de forma dinâmica a sua identidade sociocultural (Wagley, 1988, p.124).

Apresenta-se uma ideia ampla de cultura como um elemento vivo e coletivo, ao afirmar que as pessoas vivem em grupos e expressam sua cultura por meio de crenças, mitos, símbolos, saberes e códigos, o autor destaca que a cultura não é algo parado, mas sim um conjunto vivo de práticas que moldam e são moldadas pelas relações sociais. Além de evidenciar que é nesse contexto coletivo que as pessoas aprendem, compartilham e reproduzem sua identidade sociocultural, ou seja, a cultura é um processo em curso de construção e reconstrução da identidade. Esse

olhar é especialmente relevante para envolver comunidades tradicionais, como as de Tefé-AM, onde práticas artesanais como a feitura de paneiros não são apenas atividades econômicas, mas formas de transmitir valores, conhecimentos e modos de ser, que resistem e se reinventam com o tempo.

Segundo Canclini (1997, p.28), a cultura artesanal “é um meio pelo qual os povos constroem e expressam sua identidade, ressignificando tradições em diferentes contextos sociais”. Os artesanatos também são atrativos para os turistas e visitantes da idade, que movimentam o comércio local e gerando trabalho e renda.

Figura 1: Mapa do Estado do Amazonas



Fonte: Internet, 2025.

Este trabalho em específico está direcionado ao município de Tefé, no interior do Estado do Amazonas, distante 575 km da capital Manaus, recentemente intitulada capital do Médio Solimões, no norte do Brasil, no último censo de em 2022, a população era de 73.669 habitantes e a densidade demográfica era de 3,11

habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 5 e 18 de 62. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 444 e 5176 de 5570.

O município de Tefé, localizado no interior do estado do Amazonas, apresenta uma configuração territorial marcada por dois espaços complementares: a zona urbana e a zona rural. Cada uma dessas zonas carrega características próprias, que refletem os modos de vida, os saberes e as práticas sociais de seus habitantes.

A zona urbana de Tefé é o centro administrativo, comercial e institucional do município. Nela se encontram os principais serviços públicos, como escolas, hospitais, comércios, igrejas e sedes de órgãos governamentais. O crescimento urbano de Tefé se deu às margens do lago homônimo, que continua sendo uma importante via de transporte e interação social. Os bairros urbanos apresentam uma infraestrutura mais desenvolvida, com acesso à eletricidade, internet, transporte público e instituições de ensino. No entanto, mesmo com traços de modernização, a zona urbana de Tefé mantém forte ligação com as tradições amazônicas, o que se expressa na culinária, nas festas populares e no modo de vida dos moradores.

Por outro lado, a zona rural tefeense é composta por diversas comunidades ribeirinhas e indígenas, espalhadas ao longo dos rios Solimões, Tefé, Bauana, Curimatá de Cima, Curimatá de Baixo, entre outros. Nessas localidades, o modo de vida é mais diretamente ligado à natureza e à sabedoria tradicional. A pesca, a agricultura de subsistência, a coleta de frutos, a caça e o artesanato, como a produção de paneiros e outros itens feitos com fibras naturais, constituem as principais formas de trabalho e sustento. O acesso às comunidades rurais, geralmente feito por meio de embarcações, pode ser difícil em determinados períodos do ano, e muitas delas ainda enfrentam limitações no acesso à saúde, à educação e à energia elétrica.

Apesar das diferenças, os espaços rural e urbano de Tefé estão profundamente conectados. A zona rural abastece a cidade com alimentos, produtos extrativistas e artesanatos, enquanto a zona urbana oferece suporte comercial, educacional e institucional às comunidades do interior. Essa relação dinâmica e interdependente constrói uma identidade cultural singular, marcada pela convivência entre o tradicional e o moderno, o ribeirinho e o citadino. Falar sobre a zona urbana e rural de Tefé é, portanto, reconhecer a riqueza e a diversidade dos modos de vida que coexistem e se entrelaçam no coração da Amazônia.

É na comunidade que os habitantes de uma região ganham vida, educam seus filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações,

adoram seus deuses, tem suas superstições, seus tabus e são movidos por valores e incentivos de suas determinadas culturas (Wagley, 1988, p.44).

Essa afirmação nos convida a refletir sobre o papel da comunidade ribeirinhas como espaço também de construção da identidade cultural e de reprodução das práticas sociais. No caso de Tefé-AM, a produção artesanal de paneiros representa exatamente esse espaço simbólico descrito por Wagley.

A senhora Madela, de 59 anos, reside atualmente na cidade de Tefé, já viveu no sítio, mas hoje leva uma vida urbana, sua principal fonte de renda é a aposentadoria, complementada pela confecção de paneiros, que ela produz sob encomenda, quando solicitada por alguém. Sua experiência rural e suas habilidades artesanais refletem sua ligação com as tradições locais.

eu tinha 17 anos de idade numa num lugar, localidade do igarapé Jatuarana, eu não sabia e a gente precisava de paneiro ai eu fui distalei o cipó e fui tentar tecer, até que aprendi tecer até que aprendi a tecer, ai desde esse tempo aprendi tecer e fui tentar tecer e fui tecendo os paneiros (Madalena, 2025).

A feitura dos paneiros não se limita a uma atividade econômica, mas constitui um saber tradicional compartilhado, transmitido por gerações e imerso nos valores, nas crenças e nas memórias históricas e coletivas da comunidade. Por meio dessa prática, reafirma-se o pertencimento e a vivência cultural dos tefeenses, em que a arte de trançar fibras vegetais se entrelaça às histórias de vida dos artesãos e à própria história escrita para o além do município de Tefé.

Figura 2: Vista da cidade de Tefé, a parte do lago



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

A foto foi realizada de um ponto baixo de uma embarcação uma canoa. Primeiramente, observa-se o rio que é conhecido como “Lago de Tefé”, bem como, a área urbana em que se percebe uma linha de edificações de pequeno e médio porte, comuns em cidades pequenas no interior do Amazonas. As construções variam em cores e formatos, com destaques para um prédio amarelo e outro verde onde mostra diversidade entre os usos de casas, comércios ou serviços públicos. Há também uma quantidade de telhados nas casas de palafitas. Percebe-se algumas embarcações menores que podem ser vistas ancoradas, o que reforça a importância do meio de navegação fluvial como um transporte comum na cidade.

Nota-se na imagem, o céu claro, com nuvens brancas, com a iluminação indicando que foi tirada durante o dia, essa imagem transmite uma relação intimista entre a cidade e o rio. Essa imagem representa muito o cotidiano da cidade que ao longo do tempo continua sendo o meio de transporte muito utilizado pela população, em especial a população ribeirinha.

Figura 3: Árvore de onde se extrai a fibra



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

Esta imagem demonstra uma árvore maior em destaque, seu nome científico é “*Heteropsis flexuosa*” mais conhecida na região com árvore de cipó de titica. Neste ambiente florestal é que muitos dos artesãos vão fazer a coleta dessa matéria-prima que é utilizada na confecção artesanal de paneiro, vassoura, cestos, balaios, tipitis, entre outros, está fotografia foi tirada no dia 19 de abril de 2025.

Um dos colaboradores da pesquisa que também é meu pai, o senhor Josué de 44 anos, que é agricultor com sua experiência de confeccionar paneiros, se ofereceu para levar a pesquisadora até o Sítio do Marazona e adentramos na mata, a fim de demonstrar como ocorre a retirada do material utilizado na confecção. Durante a caminhada, foi possível observar a relação íntima entre o artesão e o ambiente natural, para Torres (2012) “Nas sociedades indígenas da Amazônia o trabalho é um fator de efetivo inter-recionamento com os elementais da natureza terra, rios e floresta, que são centrais na vida dos povos tradicionais”.

Percebe-se que o colaborador da pesquisa, Josué, teve a vida experienciada e marcada pelo conhecimento das espécies vegetais e pelo respeito aos ciclos da floresta. No local, ele mostrou quais árvores e cipós são utilizados, como é feita a coleta das talas e as técnicas de como ele puxa o cipó que garantem a continuidade da planta, evidenciando a sabedoria ancestral presente nesse ofício.

Durante a visita de campo, uma das etapas mais significativas foi a ida até a mata acompanhada pelo senhor Josué. Ele conduziu a pesquisadora até uma área de coleta de matéria-prima utilizada na confecção dos paneiros. No local, explicou com detalhes quais árvores e cipós são aproveitados, além de demonstrar técnicas de corte e retirada das talas vegetais de forma sustentável.

Segundo o colaborador Josué, “é preciso observar quais são os cipós que estão em melhores lugares e mais soltos em um só puxão, um fio de cada vez não pode puxar dois ou três de uma vez, que o cipó pode arrebentar” (Entrevista com Josué, 2025). Após isso, irá enrolar os cipós juntos para ficar melhor para transportar. Esse momento, registrado na imagem abaixo, evidencia o conhecimento tradicional envolvido no processo artesanal e a conexão profunda entre os saberes locais e o ambiente florestal.

Figura 4: processo da extração de cipó



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

Para Torres (2012), os povos tradicionais da Amazônia veem a preservação de suas identidades socioculturais como um meio de resistência, bem como uma forma de se manterem latentes na memória das futuras gerações, existindo, ensinando e mostrando as organizações sociais e culturais como parte do processo evolutivo de cada região. O tecer paneiros, fez e faz parte desse processo, assim como o senhor Diogo, de 63 anos, morador de um sítio na zona rural. Ele se desloca até a cidade apenas para vender os produtos que cultiva e para comprar alimentos e outros itens necessários para o seu sustento, sua rotina é marcada por uma vida simples, voltada ao trabalho na terra e com pouco contato com a vida urbana.

vem de geração a geração, os meus avós passaram para os meus pais e os meus pais passaram isso para mim e eu já repassei pros meus filhos até outras pessoas que aprenderam fazer paneiro comigo e na minha família tem não é só eu que teço, os meus irmãos tecem e tenho sobrinhos que tecem e em outros enfim a gente vem de geração a assim lá de dos primórdios, lá de trás mesmo e vai passando é essa esse processo de tecelagem de paneiro na agricultura ela passa de paneiro na agricultu-

ra, ela passa de geração de pai pra filho, de avô pra bisneto e assim sucessivamente, enquanto existir pessoas e existir agricultura vai existir o repasse dessa cultura digamos assim o paneiro que é primordial, é uma ferramenta essencial na produção de farinha (Diogo 2025).

As produções do artesanais feita com as fibras (palha de buriti¹, fibra de açaí², cipó-titica³) como os cestos, os paneiros, os tipitis, são uma forma que os povos, em especial os ribeirinhos e interioranos resistem ao tempo e perca das produções artísticas, históricas, social, mas que relutam ainda, em meio as dificuldades, a produzir e manter viva esse artesanato que é atrelado até hoje não só com os povos originários, mas como uma fonte de renda para os produtores da região.

O resultado final do trabalho do paneiro é a renda que mim proporciona com o resultado do meu trabalho é eu faço um paneiro para carregar mandioca e eu faço farinha e lá na ponta lá no final e pegou o dinheiro “pô” isso tem é teve o resultado de um paneiro, eu carreguei isso num paneiro isso aqui é toda uma trajetória da do meu trabalho e nessa trajetória tem um paneiro.(Diogo, 2025).

Esses saberes tradicionais funcionam como um resgate cultural, pois os ensinamentos são transmitidos oralmente e pela prática cotidiana, de geração em geração, dentro dos círculos familiares. Nesse sentido, a cultura deve ser compreendida como um sistema simbólico que estrutura a ação humana, como explica Gueertz (1989, p. 18), “A cultura não é um conjunto de respostas automáticas às condições externas, mas sim uma estrutura de símbolos que guiam a ação humana, conectando passado e presente, tradição e mudança”.

São nesses processos de aprendizado e adaptação ao novo, nas construções sociais, que a cidade de Tefé vem se desenvolvendo, tendo suas raízes fortemente estabelecidas na cultura indígena. Prova disso, eram as atrações culturais, exibidas nas festas onde ocorriam no centro da cidade, como dança do índio, carimbó e demais estilos.

1 A palha de buriti é extraída da palmeira do buriti que cresce em áreas alagadas, é valorizada por suas resistência e flexibilidade.

2 A fibra é obtida do açaí é usada especialmente para combinações com a palha do buriti, para dar resistência e textura nos paneiros.

3 É uma fibra natural extraída de uma planta nativa da Amazônia, é muito valorizada por sua flexibilidade, resistência e textura para a confecção de artesanato, incluindo o paneiro.

Também há um festival tradicional a cidade, a “Festa da Castanha⁴”, em que moças se caracterizam ao estilo indígena, mostrando a cultura por meio de roupas, acessórios e objetos artesanais, evidenciando, dentro de sua performance, a técnica da tecelagem que constituem a construção de balaios, cestas, paneiros e outros trançados que compõem essa arte, a transformar a matéria bruta do cipó ou tala em uma arte, como o paneiro e demais utensílios.

Figura 5: Artesania e performance



Fonte: Internet, 2025

Essas danças, assim como o costume de tecer, vem se perdendo com o tempo, hoje, a dança indígena não é vista com tanta frequência, como já foi mencio-

⁴ É um evento cultural que celebra a importância da castanha e da castanheira para a economia e a identidade local do Amazonas.

nado. Na Festa da Castanha as meninas que participam do concurso “Miss Festa da Castanha” têm que dançar uma coreografia indígena, mas isso também é algo que está se perdendo, assim como dança do índio, carimbó, gambá, entre outras tantas, pois a grande maioria de seus membros já faleceram, e os demais não receberam o devido incentivo por parte do poder público.

O paneiro, assim como a dança, está desaparecendo pouco a pouco, em parte, a nova geração não se interessa em aprender essa arte e, em outra parte, pela desvalorização desse produto por maior parte da população local.

Além disso, a falta de políticas públicas voltadas para a valorização e preservação dessas manifestações culturais tem contribuído para o seu desaparecimento. Não há projetos contínuos que incentivem oficinas, apresentações ou registros dessas tradições, o que acaba desmotivando os poucos jovens que demonstram interesse. A transmissão desses saberes, que antes acontecia de forma oral e prática, dentro das próprias comunidades, hoje depende de iniciativas isoladas de alguns mestres ou de ações pontuais em datas comemorativas, o que não garante a continuidade dessas expressões culturais no futuro.

Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a tecitura dos paneiros em Tefé e sua relação com a história local; e como objetivos específicos: investigar o processo artesanal de produção dos Paneiros no município de Tefé; compreender como os saberes tradicionais são transmitidos entre gerações; destacar a importância das fibras naturais na produção cultural e econômico no município de Tefé e analisar os desafios enfrentados pelos artesãos diante do desinteresse das novas gerações. Para isso, será utilizada a metodologia qualitativa, combinando história oral, revisão bibliográfica ancorada em autores como Gil (2008), Zamboni (2006), entrevistas com os tecedores locais.

Essa metodologia permitirá compreender como esses saberes são transmitidos e quais os desafios enfrentados para manter viva essa tradição. Com isso, busca-se não apenas reconhecer a importância social e cultural dos fazedores de paneiros, mas também sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de preservar esse patrimônio imaterial. O estudo pretende contribuir para a valorização dessa arte, destacando sua beleza, funcionalidade e relevância na identidade do povo te-feense, além de contribuir com a historicidade do município de Tefé.

Análise de Dados

2. QUANDO A FIBRA TECIDA SE TRANSFORMA EM ARTE

Figura 6: Fibras usadas na confecção de paneiros



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

Fibras naturais, foto em destaque, em processo de preparação para a tecitura de paneiros na cidade de Tefé-AM. A imagem mostra fibras vegetais já em preparo para serem descascadas e secas, organizadas em feixes. Essas fibras, tradicionalmente extraídas de plantas como o cipó-titica ou arumã, são a base do artesanato local. A disposição dos materiais sobre o piso de madeira evidencia o ambiente “rústico” e doméstico em que muitas vezes ocorre a produção artesanal, ressaltando a conexão entre o fazer manual, a memória dos artesãos e a continuidade de saberes ancestrais na cultura tefeense.

Silva e Oliveira (2010) afirmam que o reconhecimento dessa arte depende da formação de recursos humanos locais, bem como sua existência depende de uma organização e manejo para que não se perca ou seja apenas uma peça para exposição, sem mostrar o seu real valor para a sociedade e para nossa cultura.

Pra fazer um paneiro você precisa de cipó, uma grade de madeira pra fazer a forma pra fazer um paneirinho bonito em fim assim que funciona essa é a técnica e aí você faz paneiro aham você destala o cipó, prepara as talas e tudo e começa você começa fazendo um x e termina fazendo um x é simplesmente fazendo x você começa de um x e termina ele de um x só isso é muito fácil (Diogo, 2025).

Muitas vezes os produtos feitos pelos artesões locais trazem consigo um ritual, que parte desde a retirada da fibra da natureza até a produção final e, se for o caso, até a comercialização do produto. Isso faz dos paneiros uma arte ancestral que vai além de sua utilidade prática, mas como uma arte de resistência de um povo que transmite, por meio das pinturas e ilustrações dos paneiros e demais artesanatos, uma história, um sentido e uma identidade particular de um grupo ou localidade. E é, justamente, essa diferença que torna cada peça única.

Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – e em objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista democrático em que me sintuo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. (Freire, 1996, p. 23).

Preservar essa memória não deve ser uma ação restrita ao presente, mas sim um compromisso contínuo que envolva diferentes espaços educacionais, sociais e culturais em um esforço integrado para garantir a transmitir o ensino da arte da tecer. Por meio da valorização cultural, torna-se possível evidenciar a importância dessa prática artesanal, promovendo o reconhecimento de seu valor histórico e simbólico. Assim, o artesanato dos paneiros ultrapassa os limites geográficos e torna-se um patrimônio coletivo, acessível e prestigiada por toda a sociedade.

3. O TRABALHO COM A FIBRA

Conforme Max-Neef (1991, p. 63), o desenvolvimento sustentável deve partir das necessidades e conhecimentos das comunidades locais, respeitando seus modos de produção e promovendo a preservação ambiental.

O conceito de desenvolvimento sustentável envolve a busca por um equilíbrio entre o crescimento econômico, a justiça social e a conservação ambiental, visando garantir que as gerações atuais atendam às suas necessidades sem comprometer os recursos naturais e as condições de vida das gerações futuras (BRUNDTLAND, 1987). No contexto amazônico, essa perspectiva é ainda mais significativa, considerando a riqueza ecológica e a diversidade cultural da região.

O povo do Amazônia, o artesão, o artista que faz das fibras da juta, do cipó, das palhas ou de outras plantas, meios de recursos, não somente para a geração de renda ou como auxílio em suas produções agrícolas, mas por vezes utilizando fibras já descartadas pela natureza, não causa nenhum impacto natural ou retirada brusca que prejudique o ecossistema da localidade ou gere poluição ao meio ambiente. Tais práticas sustentáveis trazem consigo um respeito pelo meio ambiente, promovendo a conservação e a utilização dos mesmos recursos naturais por um longo tempo.

Impacto ambiental não porque você tira o cipó no mato você não tira a matriz do cipó você arranca os fios que necessita o restante da matriz fica lá então não causa um impacto ambiental digamos assim mas ela causa um impacto social porque é uma ferramenta que te ajuda produzir renda pro sustento da família nós somos da agricultura familiar e o impacto que ela traz na nossa vida é de benefícios na implantação da renda familiar isso ela nos ajuda bastante impacto ambiental não (Diogo, 2025).

É importante destacar também que, ao utilizar recursos naturais renováveis, os artesãos colaboram com a redução do impacto ambiental de práticas industriais convencionais. A confecção artesanal de objetos a partir de fibras evita o uso de plásticos, metais e outros materiais poluentes, contribuindo para a redução de resíduos sólidos e da poluição ambiental.

Portanto, ao tratar a tecitura de paneiros como uma prática de sustentabilidade, reconhece-se não apenas seu valor ecológico, mas também seu papel na valorização das culturas locais, na preservação de saberes ancestrais e no fortalecimento da economia comunitária. A produção artesanal de fibras vegetais se revela, assim, como um exemplo concreto de como o conhecimento tradicional pode dialogar com os princípios do desenvolvimento sustentável, propondo alternativas viáveis e respeitadas ao meio ambiente e à diversidade cultural da Amazônia. Segundo Boaventura (2006), é fundamental reconhecer a pluralidade de saberes,

valorizando os conhecimentos tradicionais que, muitas vezes, são marginalizados pelo saber científico hegemônico.

Além de tratar a fibra como uma fonte de trabalho e um recurso em suas produções, os artesões da floresta fazem dessa arte uma produção de excelência, o que, de uma certa forma, gera renda, pois, além de produzirem em uma escala razoável para uso próprio, muitos desses produtos estão ganhando novos espaços, novas clientelas e outros reconhecimentos. Além de ser um produto de utilidade braçal, hoje é muito utilizado como um item decorativo, muito apreciado em outras localidades, o que leva a uma alta procura e conseqüentemente, a uma maior renda para seu produtor.

Outro ponto que pode ser abordado sobre a arte dos paneiros e demais artesanatos são os ensinamentos histórico-social e habilidades nos processos, que vão desde a retirada da fibra da natureza, o transporte, o beneficiamento da fibra, a tecitura, a pintura e seus significados. São etapas envolvem diversas habilidades, desde reconhecer qual fibra é propícia para a confecção de determinado produto até a arte da fabricação e venda.

Tais produtos são confeccionados, em geral, por senhores e senhoras em uma faixa etária que varia dos 40 aos 90 anos, que propagam seus conhecimentos às novas gerações, promovendo a transmissão dos saber dos mais velhos para aos mais novos. Essa troca de conhecimento, ajuda a valorizar os saberes tradicionais, que são ricos em nossa região.

torna-se difícil separar o homem/mulher, a natureza e a sociedade, posto que inexistente o homem amazônico em si mesmo, como também parece inexato conceber a floresta e as culturas dissociadas das práticas sociais que engendram os estilos de vida neste espaço regionalizado. (Torres 2005, p. 18).

Para Halbwachas (1990, p.45), a memória coletiva é fundamental na transmissão de saberes culturais, pois permite que práticas como o artesanato sejam preservadas e adaptadas às novas gerações. Como afirma Madela (2025) “O que traz na minha memória é que a gente tá tecendo aí fazendo aquele trabalho que são as nossas raízes de antigamente que gente trabalhava com os paneiros” .

Os conhecimentos vão do além do tecer: estão no reconhecer as plantas utilizadas na confecção dos artesanatos, fortalecendo a conexão entre o artesão e a natureza. O artesanato também promove o trabalho coletivo dentro das comunidades tradicionais, utilizando-se da colaboração de todos os membros da comunidade ou, ainda, passa a ser um trabalho isolado, a cargo de um ou poucos membros dentro do círculo social do artesão.

Figura 7: Artesania cabocla



Fonte: Pesquisa de campo, 2025

Durante o trabalho de campo, foi possível observar de perto o modo como os artesão realizam a confecção dos paneiro, a imagem abaixo mostra o senhor Josué em pleno processo de tecitura. Sentado no chão de madeira, ele entrelaça manualmente as tiras vegetais provavelmente cipó na estrutura circular do cesto. O ambiente é “rústico”, com paredes de madeira e utensílios domésticos ao fundo, o que evidencia o caráter familiar e tradicional dessa prática artesanal. O artesão, com gestos precisos e concentrados, manipula as fibras com habilidade, demonstrando o saber acumulado ao longo do tempo e transmitido entre gerações. Esse momento ilustra não apenas a técnica envolvida, mas também a dedicação e a conexão entre o fazer artesanal e o cotidiano de quem o pratica.

Vale ressaltar que o trabalho de tecer a fibra natural é voltado principalmente para as mulheres, como se pode perceber na pesquisa de campo e também nas referencias bibliográficas usadas como arcabouço deste trabalho. O papel central nas produções são em sua grande maioria, desempenhados por mulheres, o que as levam a um empoderamento no que tange a produção, e consequentemente, a uma rentabilidade financeira para esse grupo. Segundo Joan Scott (1995, p. 32), “o trabalho feminino no artesanato não apenas mantém tradições culturais, mas também fortalece a autonomia econômica das mulheres, resignificando seu papel na sociedade.”

A autora destaca a importância do trabalho feminino no artesanato como uma prática que ultrapassa a simples preservação cultural. Ao afirmar que esse trabalho “mantém tradições culturais”, Scott reconhece o papel das mulheres como guardiãs e transmissoras de saberes ancestrais e práticas tradicionais que compõem a identidade de muitas comunidades. Porém, ela vai além ao enfatizar que essa atuação também “fortalece a autonomia econômica das mulheres”, ou seja, o artesanato pode representar uma fonte de renda e independência financeira, contribuindo para a valorização social e econômica dessas mulheres.

Ao “ressignificar seu papel na sociedade”, o trabalho artesanal permite que as mulheres ocupem novos espaços de protagonismo, rompendo com estereótipos de subordinação e invisibilidade. Nesse sentido, o artesanato feminino torna-se uma forma de resistência e afirmação, tanto no campo econômico quanto simbólico, evidenciando como as práticas tradicionais podem ser reapropriadas de maneira crítica e transformadora.

Essa análise é especialmente relevante em contextos como o da produção de paneiros em Tefé, onde a atuação de mulheres artesãs contribui para a manutenção de saberes locais e, ao mesmo tempo, reafirma sua presença ativa na construção da história e da cultura da região.

Os produtores do paneiros são mulheres e homens que fazem dessa arte seu sustento e um meio de reconhecimento por meio de sua arte. São eles que ainda carregam consigo as memórias de seus ancestrais, seus aprendizados, relatando que, cada tecume tem seu significado, cada trançado revela, além de beleza, a história de um povo guerreiro, que se configura no povo amazônico.

Segundo Boaventura Santos (2006, p.91) “o conhecimento tradicional só seria mesmo reconhecido em nossa sociedade se a ciência dissesse que ele tem valor, não só para ela, mas em si mesmo.” Revela uma crítica importante à forma como a sociedade moderna ocidental valida os saberes. Ao afirmar que “o conhecimento tradicional só seria mesmo reconhecido em nossa sociedade se a ciência dissesse que ele tem valor”, o autor denuncia uma hierarquização dos saberes, onde apenas o conhecimento científico aquele produzido segundo os métodos da ciência ocidental é visto como legítimo, verdadeiro ou relevante.

Essa lógica marginaliza os saberes tradicionais, populares, indígenas, quilombolas, entre outros, que são construídos por meio da experiência, da oralidade, da convivência com a natureza e da transmissão entre gerações. Boaventura defende a ideia de uma “ecologia de saberes”, na qual diferentes formas de conhecimento possam dialogar e coexistir com igual dignidade, sem que uma precise invalidar a outra.

Hoje sim é , é hoje com as novas tecnologias com as novas metodologias de trabalho a as coisas remotas o paneiro é uma dessas ferramentas remotas já pra continua eu não sei se daqui a vinte e trinta anos as pessoas vão carregar mandioca nas costas né hoje muita gente , muito agricultor já usa carrocinha, usa moto enfim pra carregar as mercadorias a mais como tradição propriamente dito na nossa região norte , região Amazônica a o paneiro é indispensável ainda nos dias de hoje (Diogo, 2025).

Portanto, a citação é uma crítica ao colonialismo epistêmico, isto é, ao modo como o pensamento ocidental coloniza outras formas de conhecer, exigindo que sejam traduzidas e legitimadas pela ciência para que tenham algum valor social. Isso tem implicações profundas, especialmente para comunidades tradicionais, como as que produzem paneiros em Tefé, cujos saberes são muitas vezes desconsiderados pelas instituições formais, apesar de seu valor cultural, histórico e prático. Pode-se perceber que a ciência é tão valorizada que os saberes tradicionais são descartados como se não valessem nada ou tenham a mínima importância. Mas ela tem uma grande importância sim.

Figura 8: O artesanato como trabalho e arte



Fonte: Pesquisa de campo, 2025

Para Zamboni (2006, p.22), “Tanto a arte como a ciência acabam sempre por assumir um certo caráter didático na nossa compreensão de mundo. embora o façam de modo diverso: a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer.”, leva a refletir sobre o papel complementar da arte e da ciência na construção do conhecimento e na compreensão do mundo. Ambas possuem um caráter didático, ou seja, ensinam, transmitem ideias e ajudam a interpretar a realidade, embora o façam por caminhos diferentes.

A ciência busca explicar o mundo por meio de métodos sistemáticos, dados objetivos e raciocínios lógicos. Já a arte se expressa por meio da sensibilidade, da subjetividade e da imaginação. Enquanto a ciência tenta provar, a arte sugere, evoca e faz sentir. A arte, portanto, não compete com a ciência, mas a complementa, ampliando nosso olhar e oferecendo outras formas de aprendizado, especialmente no campo dos valores, das emoções e das percepções culturais e sociais.

A pesquisa foi acontecendo a partir de vivências e contatos com moradores e moradoras, em Tefé, no Amazonas, que produzem paneiros uma arte antiga que faz parte do patrimônio cultural da região. A partir dessas conversas e visitas, foram realizadas entrevistas e registrando imagens, que ajudaram bastante a refletir de forma mais crítica sobre o tema. Para entender melhor os caminhos da pesquisa, também nos baseamos em leituras que ajudaram a dar suporte ao que foi sendo observado durante esse processo. Seguindo uma abordagem mais voltada para a fenomenologia, como coloca Gil (2008), o olhar do pesquisador esteve voltado para os fenômenos vividos e compartilhados pelos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES

Dessa forma, conclui-se que a produção artesanal de paneiros em Tefé-AM constitui uma prática cultural profundamente enraizada na história e na identidade local. Mais do que simples objetos utilitários, os paneiros representam a continuidade de saberes tradicionais, transmitidos oralmente e por meio da vivência cotidiana entre gerações. As narrativas dos artesãos entrevistados evidenciam que essa prática artesanal está intrinsecamente ligada à memória, ao pertencimento e à resistência cultural dos povos da região. Ao analisar o processo de confecção e os significados atribuídos a ele, revelou-se a importância da artesanaria como elemento fundamental da história social tefeense.

Ademais, a pesquisa destacou a relevância da tecitura de paneiros no contexto da sustentabilidade econômica e ambiental, reforçando a necessidade de valorização e preservação desses saberes locais. A continuidade dessa prática depen-

de do reconhecimento institucional, do incentivo a políticas públicas culturais e da inserção desses conhecimentos nos espaços educacionais. Nesse sentido, este trabalho não apenas contribui para a valorização do patrimônio imaterial amazônico, mas também sugere a ampliação de estudos voltados à educação patrimonial e à valorização das memórias locais, elementos indispensáveis à construção de uma história mais plural e comprometida com a diversidade cultural brasileira.

Esta pesquisa sobre a artesanania tefeense me proporcionou uma vivência prática única, apesar dos desafios. A visita à floresta para conhecer o trabalho dos artesãos com seus caminhos longos, mosquitos e condições adversas foi uma experiência marcante que complementou meus estudos teóricos. Essa oportunidade me permitiu observar diretamente o processo artesanal, compreender na prática as dificuldades da produção e valorizar ainda mais esse patrimônio cultural. Embora breve, o contato com os artesãos enriqueceu meu trabalho e me mostrou a importância de unir conhecimento acadêmico com observação direta da realidade.

REFERÊNCIAS

- BRUNDTLAN, G. H. (Org.) **Nosso futuro comum**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tefé – **Censo Demográfico 2022: população residente**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/panorama>. Acesso em: 22 junho. 2025.
- FRANÇA, Martins Deize e Freitas, Albuquerque de Nanda. **Tecendo Paneiro, tecendo histórias: uma etnografia dos tecedores de paneiro de Bairro de Santa Luzia em Tefé-AM**. (Manuscrito não publicado)2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro:1989.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas**. 6ª ed. São Paulo, 2008.
- HALBWACHAS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- MAX-NEEF, Manfred. **Desenvolvimento humanos: uma economia a serviço da**

vida. São Paulo: Vozes, 1991. PREFEITURA de Tefé. disponível em <https://www.facebook.com/share/p/1C7ND28cGM/>. Acesso em 05 maio de 2025.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de – **Integralização e Globalização relativizada: Uma leitura de Tefé no Amazonas** – Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento – Vol. 2. Ano. 1. maio. 2016, pp. 3-22 – ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/geografia-es/integracion-y-globalizacion>. Acesso em 04 maio de 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Raimundo Nonato Pereira; OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Licenciatura Indígena, política educacionais e desenvolvimento sustentável no alto Rio Negro**. In: AMARAL, José Januário de Oliveira e LEANDRO, Ederson Lauri. *Amazônia e 'Cenários Indígenas*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SOUSA, Marília de Jesus da Silva e. **Saberes e modos de fazer objetos artesanais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã: um estudo da cultura material ribeirinha**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero e a política da história**. Tradução de Cristina Buarque e Maria Helena Barbosa. São Paulo: UNESP, 1995.

TORRES, Iraildes Caldas. **O Ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2012. *As novas amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ªed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência** / Silvio Zamboni. 3ª. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.